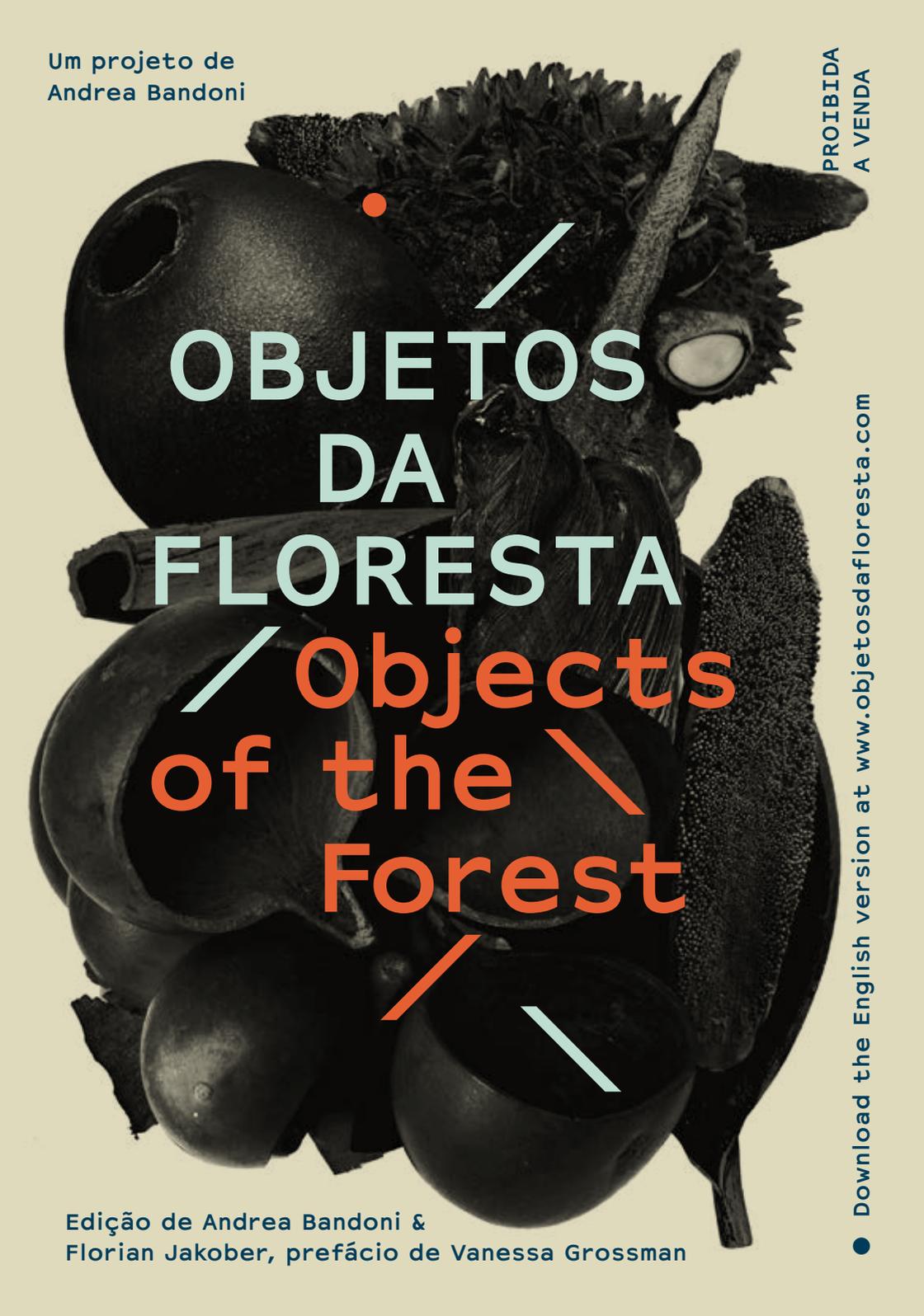


Um projeto de
Andrea Bandoni

PROIBIDA
A VENDA



OBJETOS
DA
FLORESTA
/ Objects
of the
Forest

Edição de Andrea Bandoni &
Florian Jakober, prefácio de Vanessa Grossman

● Download the English version at www.objetosdafloresta.com

Andrea Bandoni

Objetos da Floresta

explorando a amazônia através
do olhar de designers



Objects of the Forest

exploring the amazon through
designer's eyes

1ª Edição

São Paulo,
Andrea Bandoni de Oliveira
2012

Imagine um lugar onde tudo o que você precisa pode ser coletado, usado ou reutilizado de uma maneira sustentável e ecologicamente responsável. Um lugar onde é possível colher objetos numa árvore, ou retirar objetos de dentro de um animal. Onde as pessoas criam ferramentas para tirar o veneno de uma planta, permitindo que uma espécie perigosa e mortal possa virar um alimento nutritivo. Onde o móvel mais popular é feito das próprias árvores às quais é preso para ser utilizado. Um lugar sofisticado, em que até o organismo mais funcional pode ser usado como decoração.

"Objetos da Floresta" apresenta uma seleção de objetos encontrados na Amazônia que, sob o ponto de vista do design, contam histórias instigantes sobre a convivência do homem com a natureza.



TRIPAE INSULARUM IN

● O Designer em Berço Esplêndido

Vanessa Grossman

Paraíso perdido, reservatório para o futuro da civilização, pulmão do mundo, terra de poucos, terra de ninguém, terra sem lei, palco de chacinas, barbárie, inferno verde. A miríade de representações que a Amazônia suscita no imaginário coletivo global corresponde talvez à sua incomensurabilidade como floresta. Na ficção e na realidade nacionais, entretanto, a vinda da Amazônia para o primeiro plano no campo da cultura é um fenômeno extremamente recente. Ainda vista por muitos como uma espécie de Velho Oeste brasileiro, que cala as inúmeras vozes tentando se pronunciar diante de crimes e da destruição, a Amazônia foi em grande parte social e culturalmente negligenciada ao longo do século passado pelo resto do país, cuja centralidade foi, por razões coloniais, fincada no Sudeste. É lá onde até hoje o destino da Amazônia é discutido no Brasil.

Mas se o século XIX marcou o auge das expedições naturalistas à Amazônia, como testemunham a criação e o acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, suas ressonâncias, mesmo que episódicas, certamente pontuaram cada um dos mais importantes momentos culturais brasileiros no século XX. Sem falar na produção artística do período colonial, a Amazônia foi, como não poderia deixar de ser, atrelada à construção da identidade nacional desde os primórdios do modernismo no Brasil, cuja singularidade residiu justamente na ação concomitante e dialética de edificação de um passado e de um futuro para a arte, e para o próprio país.

"Nestes apontamentos de viagem [...] às vezes eu paro hesitando em contar certas coisas, com medo que não me acreditem". Foi como 'turista aprendiz' que Mário de Andrade se dispôs a ouvir as múltiplas vozes

amazônicas—das populações indígenas, seringueiros, ribeirinhos—em sua excursão de reconhecimento em 1927. Um ano depois, redigiu "Macunaíma", texto fundador do modernismo brasileiro que sumula a alquimia da 'cultura brasileira', heroica e sem nenhum caráter. Em suas páginas, os rios amazônicos transformaram-se em 'ruas líquidas', cujo "modo de condução habitual é o peixe-boi e, pras mulheres, o boto". Para lidar com a exuberância que testemunhou, o autor recorreu ao fantástico, e 'projetou' a cidade na floresta, e vice-versa.

Assim como a arquitetura deste território insólito e a forma de viver das populações indígenas inspiraram Mário de Andrade, elas também penetraram o imaginário de alguns dos mais conhecidos arquitetos, urbanistas, paisagistas e designers brasileiros. Na verdade o primeiro 'marco arquitetônico' do modernismo foi erguido quando o então ministro Gustavo Capanema se recusou a construir um projeto neocolonial em estilo nada menos que 'marajoara' do arquiteto cearense Archimedes Memória, vencedor do concurso nacional para o palácio do Ministério Nacional da Educação e Saúde Pública. Como alternativa, Capanema anulou a competição e convidou Lúcio Costa para desenvolver o projeto, com a consultoria do arquiteto suíço Le Corbusier.

Em contraste com os ideais por trás da arquitetura neocolonial mimética da arquitetura que foi exposta na Semana de 22, prevaleceu no Brasil a ideia do arquiteto e do designer modernos como 'intérpretes'. "... numa como que volta às origens, dei o risco que, em Barreirinha, no coração da Amazônia, o poeta nativo constrói com zelo e amor". Foi interpretando o 'savoir faire' local que Costa deu forma ao projeto de residência para o amigo, o poeta Thiago de Mello, na Amazônia, terra dos avós e da mãe deste que foi o pai da arquitetura moderna brasileira. Um outro moderno célebre, Roberto Burle Marx, mostrou que

a beleza está na exuberância da natureza não domesticada da flora brasileira, das espécies que ele 'descobriu' entre outros na Amazônia, e incorporou ao vocabulário paisagístico em âmbito internacional. A Amazônia serviu ainda de fonte material e de inspiração para a obra de designers renomados que privilegiaram a matéria bruta, como Sérgio Rodrigues e a sua marca 'Oca'.

Vozes menos 'interpretadas' foram amplificadas pela crítica social de alguns artistas estrangeiros que se instalaram no país, para além de nomes como o do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Após a sua experiência no Nordeste (1958-64), a arquiteta e designer Italiana Lina Bo Bardi escreveu um pequeno livro intitulado "Tempos de Grossura: O design no impasse" (1980) cujas considerações podem certamente ser estendidas à Amazônia. Elas apontam para a apreciação de soluções criativas do design concebido por uma população à margem, apreciação esta desnudada de quaisquer vestígios do que ela chama de 'mitologia paternalista', que foi certamente um dos aspectos do modernismo brasileiro. Por sua vez, o artista polonês Frans Krajcberg vem denunciando, desde a década de 1970, quando o movimento ambientalista ainda era incipiente, o desmatamento da Floresta Amazônica, ao transformar troncos e galhos calcinados em esculturas, o que lhe rendeu o título de 'poeta dos vestígios'. Seus objetos feitos a partir da natureza morta contam a história de um óbito que não tem volta. "Não há um brasileiro que se lembre que há seres humanos morando na floresta, e que são queimados como as árvores".

Também no campo da cultura pós-Tropicalista dos anos 1970, e da denúncia em pleno 'milagre econômico' ditatorial, tais vozes silenciadas foram tema do filme "Iracema, uma Transa Amazônica" (1976) que, associando a obra infraestrutural faraônica de rodovia com o fracasso

da nação, de tão atual, assusta. Passados mais de 35 anos, Belo Monte, o polêmico projeto de construção da terceira maior barragem do mundo no Rio Xingu, ameaça deslocar milhares de índios de suas terras, juntamente com o novo código florestal, se aprovado. Embora estes e outros aspectos pareçam ter persistido no país, a crise ambiental e a ecologia ganharam abordagem e peso na agenda mundial pós-industrial que não tinham há exatos 35 anos.

Hoje o Brasil talvez não seja somente o território no qual os últimos recursos naturais tenham persistido no globo, a despeito da destruição sistemática e impune, mas também a nação que tenha algo a ensinar sobre a apropriação e o uso criativo dos mesmos. É o que sugere, de forma provocativa, diante deste novo panorama de crise ambiental, e em plena era digital, "Objetos da Floresta", livro da arquiteta e designer Andrea Bandoni, resultado de um projeto contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais.

Diferentemente do mimetismo neocolonial, e da interpretação modernista, muitas vezes paternalista, ou do mutismo denunciador dos objetos de Krajcberg, o projeto chama a atenção para as narrativas e processos envolvidos no ciclo de vida (o chamado 'cradle to cradle', ou 'berço em berço'), e não de morte, dos objetos representativos da cultura material amazônica. Talvez mais próximo da leitura que Lina Bo Bardi fez da cultura popular do Nordeste seco, leitura voltada aos métodos, "Objetos da Floresta" se destaca do mesmo por romper com a visão de que foi a escassez, ou o 'impasse', que gerou os objetos pesquisados, impedido o desenvolvimento de processos e formas mais complexas, como uma espécie de sujeição à realidade social, ou à natureza. Ao contrário, oriundos de um berço esplêndido, eles foram escolhidos através do prisma dos problemas e necessidades contemporâneos, para além de seu valor

funcional e estético enquanto objetos, e segundo a ética da sustentabilidade, ou seja, pelo seu mínimo grau de interferência no funcionamento do ecossistema amazônico.

Além disso, o projeto questiona a identidade e as práticas de ambos, usuário e designer. Primeiro porque ele enfatiza tanto o design de objetos tradicionais ou ritualísticos feitos pelo homem (tipiti), quanto de objetos concebidos por animais (casa de caba), ou encontrados tais quais na natureza (língua de pirarucu). Segundo, porque ele incentiva seus participantes, locais e externos, autores de uma tal seleção, a diversificarem a sua atuação convencional como designer. Em última instância, o projeto valoriza o senso de pertencimento a um determinado ecossistema, e a uma comunidade. Cada objeto analisado apresenta uma espécie de DNA do complexo contexto amazônico. Nem o puro texto pura da semiótica, nem a pura materialidade dos objetos: o projeto nos lembra que os objetos 'falam'—podendo revelar a sua natureza e dimensão social, ambos saturados de significação cultural—quando as diferentes camadas de matéria e significado se fundem.

Sem pretender cobrir toda a diversidade sociocultural e biológica da Amazônia, ou apontar soluções prontas, "Objetos da Floresta" oferece um recorte que revela um potencial até agora desmesurado. Desafiando uma lógica de produção e consumo capitalistas, e reconhecendo a realidade dos problemas sociais, econômicos e culturais que encerra também o artesanato, "Objetos da Floresta" propõe um retorno contemporâneo, e não nostálgico, à lição de Lévi-Strauss em "Tristes Trópicos" (1955), lembrando que a nossa civilização, com seu modus operandi, é uma opção dentre muitas outras que poderiam ser oferecidas à humanidade.

● Índice

5	Prefácio: V. Grossman
11	Índice
13	Os Objetos
	– TIPITI
	– CASA DE CABA
	– CUIAS
	– LÍNGUA DE PIRARUCU
	– APITOS
	– REDES
	– PANACU & JAMAXIM
	– CUIA-DE-MACACO
	– TECIDOS
	– ESPATA DE PALMEIRA
	– BRINQUEDOS DE MIRITI
	– EMBALAGENS
	– EXTRAS
113	O Projeto
117	A Viagem
119	Os Workshops
123	Apoios & Realização
125	Crédito das Imagens
127	Ficha Técnica



● Os Objetos

Andrea Bandoni

A Floresta Amazônica é a área com maior diversidade de espécies do planeta. Nela, a apropriação humana de formas e materiais locais deriva de diferentes necessidades ou oportunidades. Observando as relações existentes num local onde a natureza se faz tão presente, busco, nesta seleção, ilustrar aplicações da natureza e seus contextos, articulando as várias camadas de significados dos objetos.

A coleção poderia ser bastante vasta. No entanto, optei pelo desafio de refiná-la, elegendo exemplares e tipologias que, por sua expressividade estética, cultural ou social, julgo serem relevantes para uma discussão contemporânea.

Os artefatos da floresta aqui expostos – simplesmente tomados para uma função ou fabricados através de processos incríveis, com usos inusitados

– revelam um universo de riqueza material e cultural impressionante e extremamente sustentável. Através deles é possível vislumbrar a natureza, seus processos e ciclos. Sejam pouco estudados ou até reconhecidos como patrimônio histórico cultural, todos os objetos mostrados foram encontrados em uso em pleno século XXI, atestando o caráter atemporal e o valor de soluções muitas vezes tidas como "primitivas". Vale ressaltar que a conexão da maioria deles com culturas ancestrais indígenas é explícita, dando mais um motivo para se zelar pela sua preservação.

Notei que qualquer maneira de agrupar os objetos seria sempre insuficiente. Por exemplo, ao separar os objetos quanto à função (móveis, brinquedos, ferramentas, etc.) anulam-se os que permitem sobreposições de usos, abertos ao improviso humano – e não são poucos. Preferi, portanto, simplesmente deixar de lado usuais "categorias de manufatura"

para aprofundar de modo autêntico a relação dos objetos com a natureza, reservando ao leitor as possibilidades de associação.

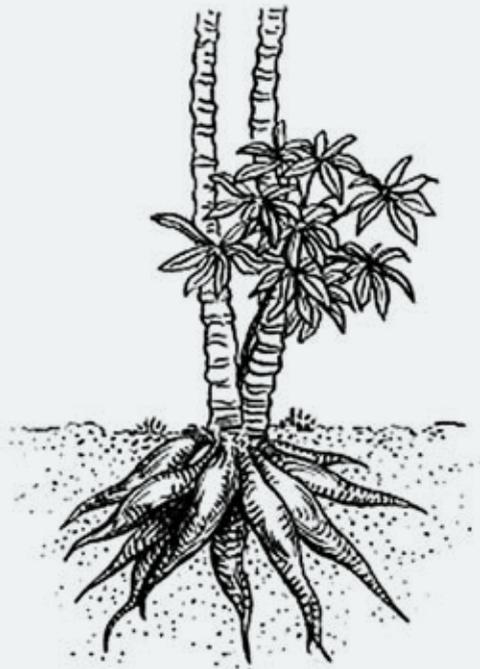
Numa época em que vivenciamos as duras consequências de uma produção industrial desenfreada e massificante, este projeto pretende despertar a atenção para possibilidades que a natureza, em sua forma mais intensa – na Amazônia –, é capaz de oferecer às artes aplicadas, em especial ao design. Registrar e divulgar objetos que dependem de condições naturais, portanto, em muitos casos perecíveis, advindos de uma cultura não-consumista e de técnicas que sobrevivem de um fazer artesanal muitas vezes em vias de extinção, inspira múltiplas maneiras de se redescobrir a natureza, estreitar laços com ela e reinventar o mundo em que vivemos.

TIPITI Squeezer





Quando não está em uso, o tipiti é mantido pendurado na estrutura do telhado da casa de farinha.

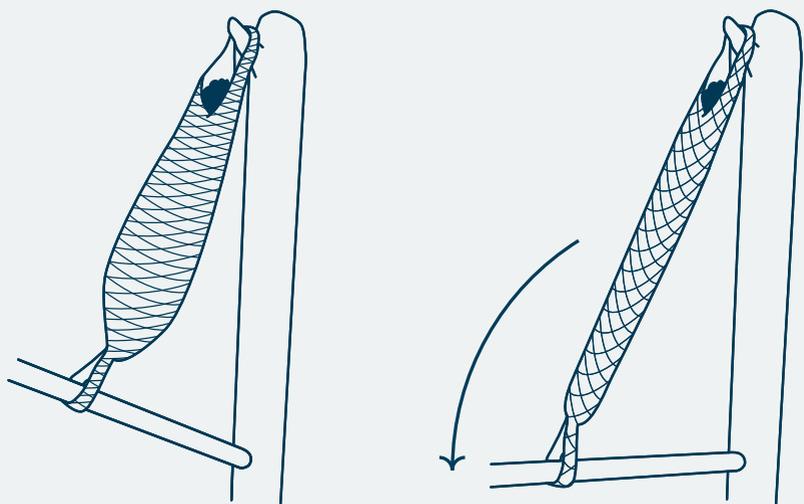


- É uma ferramenta criada para o manejo específico da mandioca, um dos alimentos mais importantes da Amazônia. Apesar de ser venenosa – contêm ácido cianídrico, que é mortal – da mandioca brava tudo se aproveita, das folhas à raiz: farinha, biju, polvilho, maniva e tucupi são alguns de seus produtos.

O tipiti consiste em uma espécie de espremedor feito da palha de plantas como Arumã ou Jacitara, trançada artesanalmente de forma que as fibras são capazes de se movimentar. Tem a aparência de um comprido e estreito cesto cilíndrico, com abertura na parte superior e duas alças. É utilizado para separar a parte líquida (água e veneno) da parte sólida da mandioca brava.

A mandioca brava contém doses mortais de ácido cianídrico.

As raízes são raladas e colocadas dentro do tipiti. O instrumento é então esticado para extrair a água. Esse movimento e a saída da água venenosa só são possíveis devido à maneira como a fibra é trançada. A matéria sólida resultante em seu interior é o extrato para produção de farinha.



O tipiti foi, por muito tempo, um instrumento vital para a alimentação e sobrevivência amazônica. Atualmente, com a diminuição de casas de farinha tradicionais, seu uso é reduzido e, com isso, o conhecimento sobre o fazer do objeto está desaparecendo. O tipiti hoje é muito mais visto sendo vendido como souvenir, em diversos tamanhos.



Devido ao veneno da planta, as folhas da mandioca devem ser cozidas por sete dias para fazer a Maniçoba, prato tradicional de Belém.



A farinha de mandioca, que pode ser produzida com o tipiti, ainda é um alimento básico em muitas comunidades amazônicas.



70.

DESMONCUS phaeophyllus.

Detalhes Construtivos



A Jacitara é uma das plantas cuja palha é utilizada para trançar o tipiti.

CASA DE CABA

Caba's House



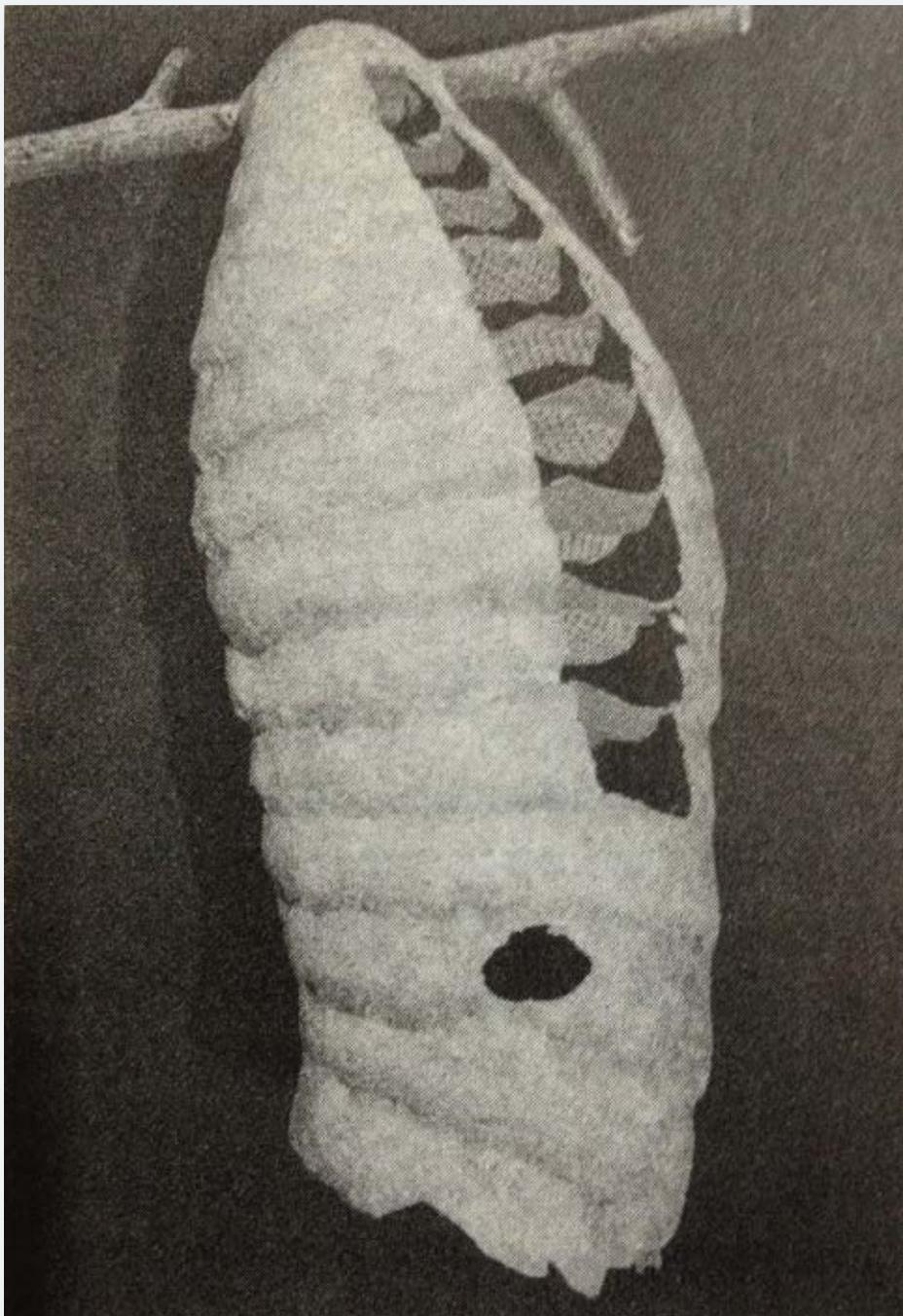


As várias espécies de vespas constroem seus ninhos em formatos diferentes, que ficam pendurados em galhos de árvores.

- Este objeto é uma forma natural incomum, apropriado para uso decorativo devido à sua aparência, de forte qualidade estética.

"Casa de caba" é o nome que se usa na região para o abrigo ou ninho de vespas, que fica pendurado num galho de árvore. Este exemplar é especial por ter formato muito comprido, alongado. Sua forma gera associação com criações humanas, artesanais, e, retirada do contexto original, acaba fazendo com que adquira status de objeto de arte.

O material de que é feito é uma substância semelhante ao papel. A espécie de vespa que produz esse tipo de abrigo só existe na Amazônia, e elas "mastigam" a madeira até esta virar uma pasta, que por sua vez, endurece como um pergaminho, proporcionando uma estrutura muito leve. Os alvéolos são construídos verticalmente, com aberturas voltadas para baixo. São fixados diversos favos, um abaixo do outro, e todos os favos combinados são envolvidos em várias camadas de "papel", com uma abertura para a passagem das vespas.



Através de um corte feito na casa de caba, é possível observar os vários níveis de favos e o quão fina é sua casca externa.



A parte inferior do vespeiro possui um orifício de entrada externa.



Vespa-do-papel, a "vespa arquiteta".

CUIAS Bowls





A cuia pronta para ser colhida e um broto crescendo ao seu lado. Ao contrário de outras frutas comestíveis, a polpa da cuia é descartada e a casca é a parte utilizada.



- Objeto que é obtido da casca do fruto da árvore chamada Cuieira, abundante na Amazônia. Existe em diversos tamanhos, podendo atingir o tamanho de uma melancia grande, e tem o formato arredondado. Os "globos" são geralmente cortados em duas partes, têm a polpa retirada e são secados ao sol.

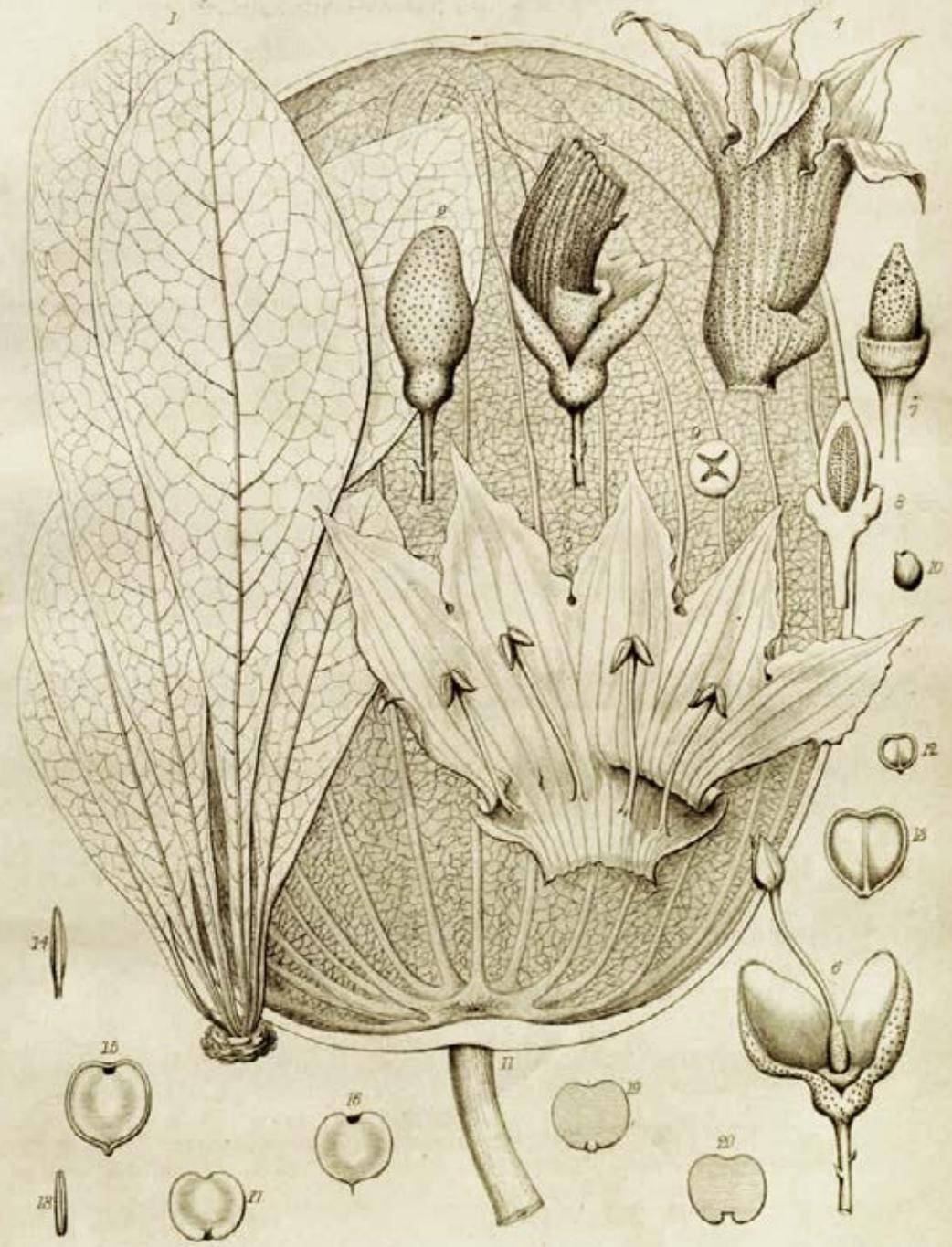
Partidas ao meio, as cuias são usadas como recipientes em diversas atividades: para beber, comer, preparar misturas, tomar banho, armazenar líquidos, pá, bolsas, porta-objetos, vasos, embalagens, etc.

Já cuias com cortes pequenos, semi-fechadas, são usadas em instrumentos musicais, como chocalhos ou amplificadores. Sua forma natural, possibilidades de corte e a resistência do material são o que conferem tanta versatilidade em seu uso.

As "Cuias de Santarém", típicas dessa cidade amazônica, são cuias trabalhadas de maneira artesanal, cuja tradição as tornou reconhecidas como Patrimônio Cultural do Estado do Pará.



Um uso especial da cuia é o de unidade de medida, empregada, por exemplo, para "pegar" camarão no Mercado Ver-o-Peso em Belém: mesmo não sendo idênticas, ali as cuias servem de medida aproximada para vender o produto.



J. Miers del.

G. Jarman sc.



20cm

● Como pintar as cuias de preto?

Após secar a cuia, é muito comum pintá-las de preto com a resina do caule da planta chamada Cumatê, que se adapta bem às proximidades onde crescem as Cuieiras.

Para fechar os poros e receber melhor o breu do Cumatê, há uma técnica interessante: Deixa-se a cuia preta em contato com urina humana. A amônia, presente na urina, endurece e escurece a resina do Cumatê, resultando numa superfície lisa e polida, que protege a cuia do apodrecimento e facilita seu manuseio e higiene.

Esse processo ainda é utilizado em algumas localidades do interior da Amazônia, onde a cuia é, então, chamada de "cuia mijada".



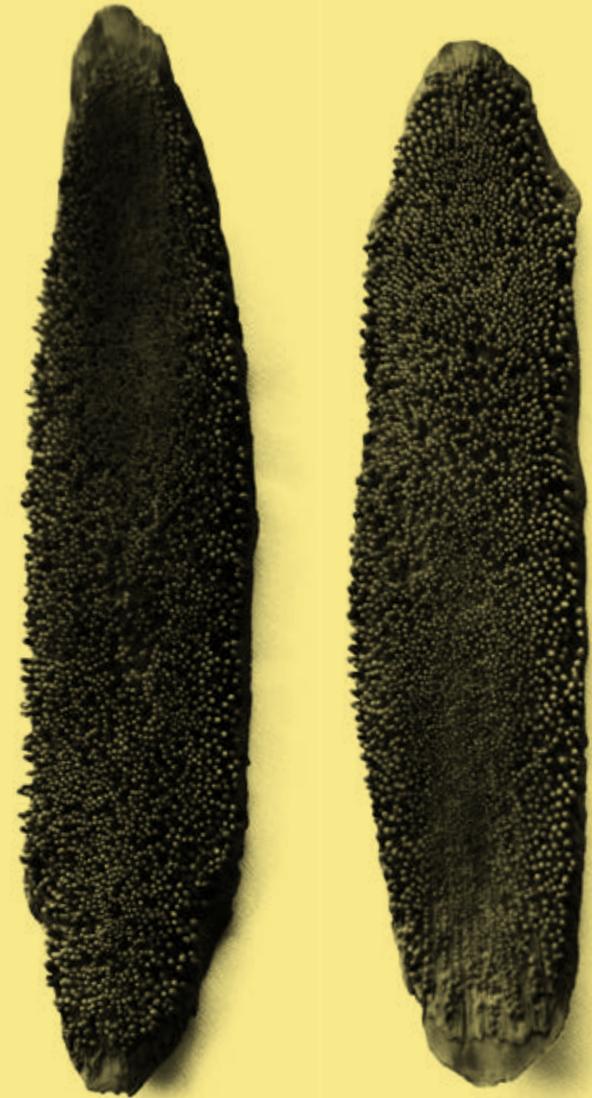
Clique para assistir o vídeo com o relato de um projeto feito com as cuias e o processo de pintá-las de preto.



As cuias podem ter diversos tamanhos. É comum a venda de cuias decoradas, cujos desenhos são entalhados à mão.

LÍNGUA DE PIRARUCU

Pirarucu's Tongue





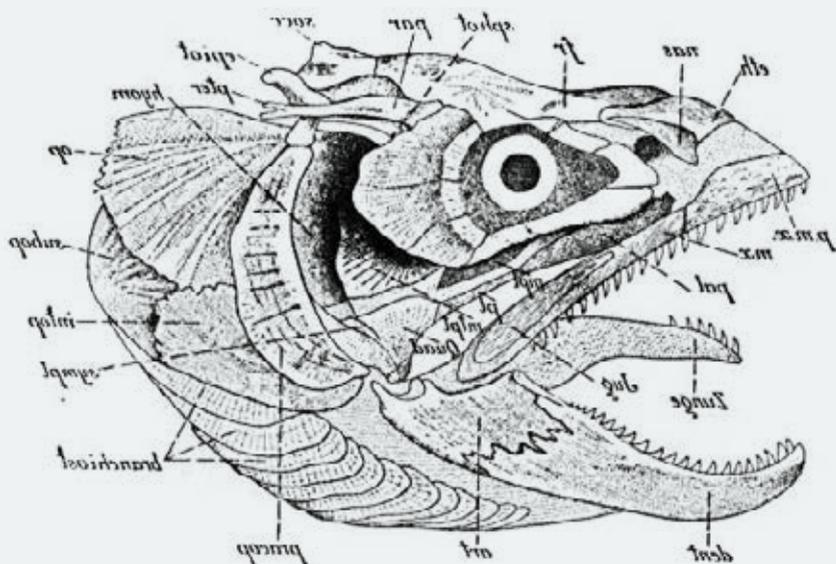
- O Pirarucu é um peixe gigante, dos mais conhecidos da Amazônia, que mede em média dois metros de comprimento. Além da carne, apreciada em diversos pratos, suas escamas secas são usadas como lixa de unhas e adorno.



O Pirarucu é um dos maiores peixes de água doce do Brasil, capaz de atingir até 3 metros de comprimento e pesar até 250 kg.



Os "dentes" da língua óssea dão ao peixe uma ajuda extra ao comer.



Diferente do que estamos acostumados, a língua do Pirarucu não é um músculo, mas sim um osso.

Depois de seca, a parte óssea da língua adquire a textura de uma lixa grossa, com tamanho aproximado de 20 centímetros de comprimento. Ela é utilizada para ralar bastão de guaraná, transformando-o em pó. (Guaraná é uma fruta amazônica conhecida por sua qualidade energética, e o bastão é a forma mais antiga de conservá-la e comercializá-la).

Nesse objeto, portanto, uma parte do animal é simplesmente apropriada como utensílio doméstico. Devido à pesca excessiva e desregulada, há risco de extinção do pirarucu e conseqüentemente, da produção deste objeto.



O objeto é tradicionalmente utilizado para ralar bastões de guaraná e o pó resultante é utilizado no preparo de bebidas energéticas para o café da manhã.



A pele do Pirarucu é uma armadura naturalmente flexível e extremamente sólida, capaz de resistir até às mordidas de Piranhas.

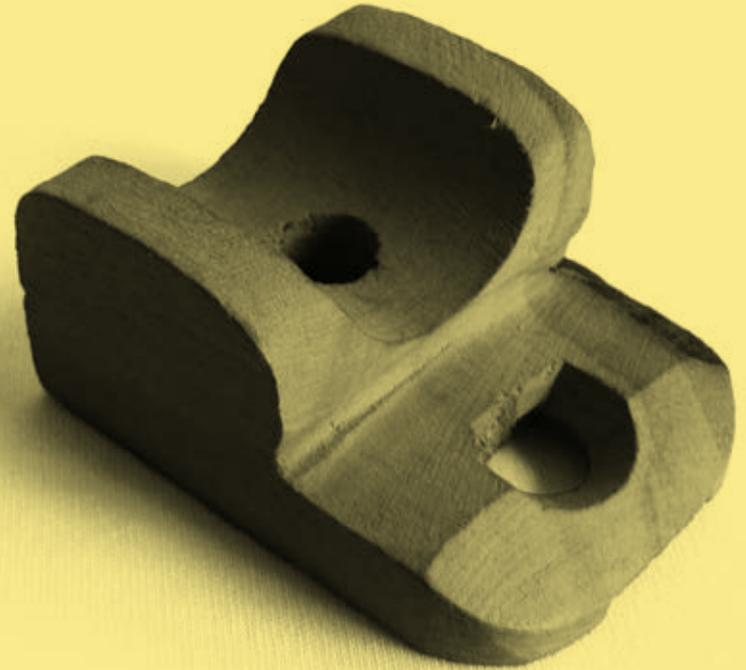


As escamas secas do Pirarucu são vendidas como souvenirs e podem ser utilizadas como lixa de unhas.



A maior parte das práticas de pesca do Pirarucu é artesanal. A ausência de regras pode levar à extinção do peixe.

APITOS Whistles





A farta carne do Mutum dá uma boa refeição. Para atrair essa ave, são usados apitos que reproduzem o seu canto.

- Apitos são objetos bastante comuns na Amazônia e sua função é imitar o som de pássaros para atraí-los como presas ou servir como comunicação, para chamar pessoas dentro da mata. São artefatos feitos de materiais naturais da floresta para serem, portanto, usados na exploração da própria floresta.

Existem diversos modelos, e os sons produzidos são bem diferentes. Alguns são formas naturais apropriadas: geralmente sementes ou frutos cujas cascas são furadas e a polpa é retirada. Já outros são esculpido artesanalmente a partir de materiais locais, como madeira, argila ou barro.

Certos apitos são usados de forma inusitada, por exemplo, soprando-se com o nariz em vez da boca. É também comum o formato de pássaro em apitos que são modelados, numa associação direta da forma e função do objeto.

Apitos feitos com sementes



10cm

Apitos com formato de pássaros



●
Apitos de madeira



10cm



Clique para assistir o vídeo que mostra os sons e como utilizar os apitos.

REDES Hammocks





Em casas sem porta, comuns na região amazônica, é importante que se mantenha uma distância do chão, para que animais e insetos não se aproximem das pessoas durante o sono.

- A rede é um objeto de uso corrente e extremamente adaptado às necessidades amazônicas. Esta peça é ao mesmo tempo um mobiliário e um simples tecido, sendo leve para o transporte, permitindo fácil instalação e mantendo distância do chão – características fundamentais para um acampamento na floresta. Além disso, permite o movimento de embalo e forma um "abrigo" sem ser muito quente. Seu enraizamento na cultura brasileira mostra a grande conveniência formal e funcional deste objeto.

As redes mais comumente vistas na Amazônia atualmente, em geral são as industriais. Porém a herança indígena tradicional são redes confeccionadas artesanalmente, através do entrelaçamento manual de fibras naturais, como, por exemplo, a palha do Buriti ou do Tucum.



● As Redes nos barcos



Chama a atenção o uso das redes nos barcos que realizam viagens de grandes distâncias na região. Os rios são o principal meio de transporte na Amazônia, e as viagens entre as grandes cidades duram em média dois dias. Devido ao clima, os barcos são em sua maioria abertos, e não possuem nenhum tipo de assento: são totalmente adaptados para a colocação de redes. Cada passageiro é quem leva e monta sua própria rede, que será sua cama durante a jornada, configurando espaços privados dentro do barco. Longe de ser impessoal, este sistema apresenta uma solução única para a acomodação de passageiros: ao mesmo tempo em que carrega uma grande massa de pessoas, o meio de transporte consegue ser extremamente personalizado.

PANACU & JAMAXIM Natural Bags





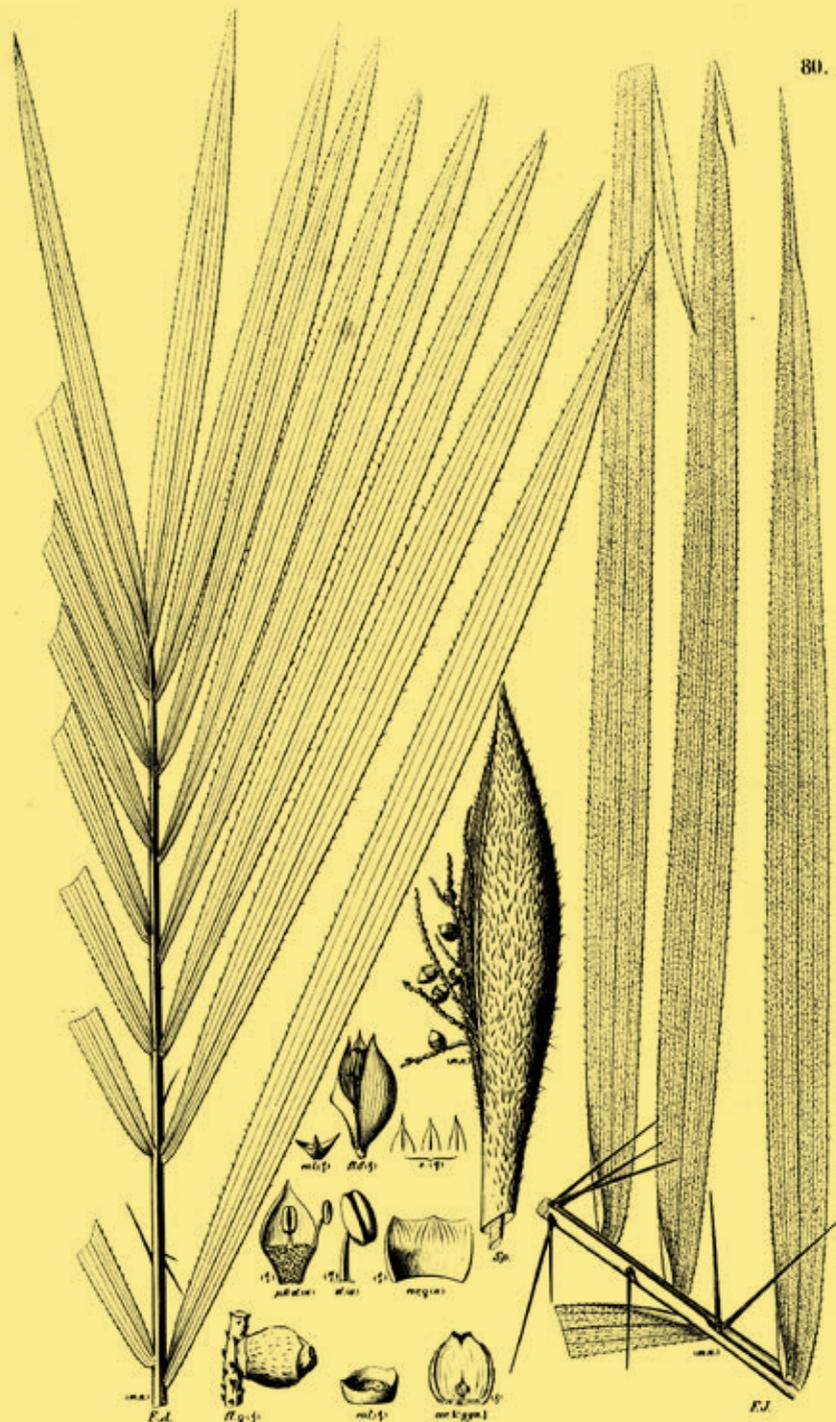
- Trata-se de diferentes modelos de bolsas ou mochilas formadas por folhas ou cipós trançados, muitas vezes fabricados no interior da própria floresta para serem usados naquele momento, servindo para carregar todo tipo de coisas. Uma peculiaridade observada na Amazônia é o modo das pessoas levarem o peso junto ao corpo, apoiando a alça de alguns desses volumes na testa.

Alguns são feitos através de adaptações simples porém engenhosas das folhas de diferentes palmeiras – tais como Arumã, Buriti, Açáí, dentre outras – tirando partido da resistência e formato do material.

Os cargueiros mais robustos são feitos a partir do trançado de cipós, como o Cipó Titica ou o Ambé. Por ser mais rígido e fino, o trançado deste material pode ser bem fechado, fazendo a peça mais resistente. Esse tipo de mochila pode carregar muito peso, sendo comum o uso para carregar produtos da mata e crianças.



Clique para assistir o vídeo que mostra uso das bolsas na floresta.



80.

BACTRIS Glaziovana.

● O Panacu



As bolsas devem ser trançadas enquanto as folhas ainda estão verdes. As peças adquirem maior resistência com o envelhecimento do material.



Por formar um tipo de "cesto", esses objetos são vistos também sendo usados como recipientes, como lixeiras por exemplo.



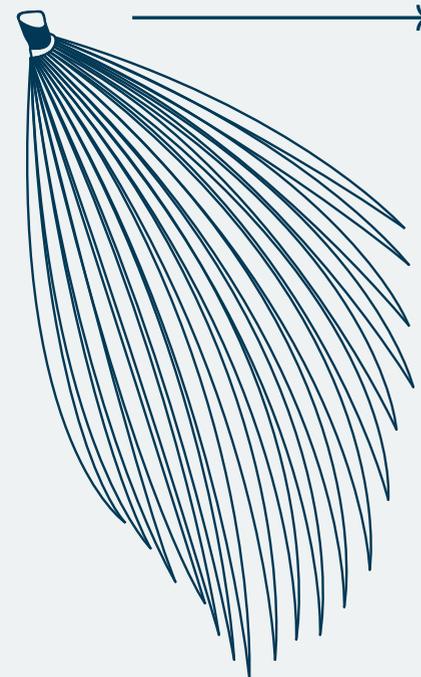
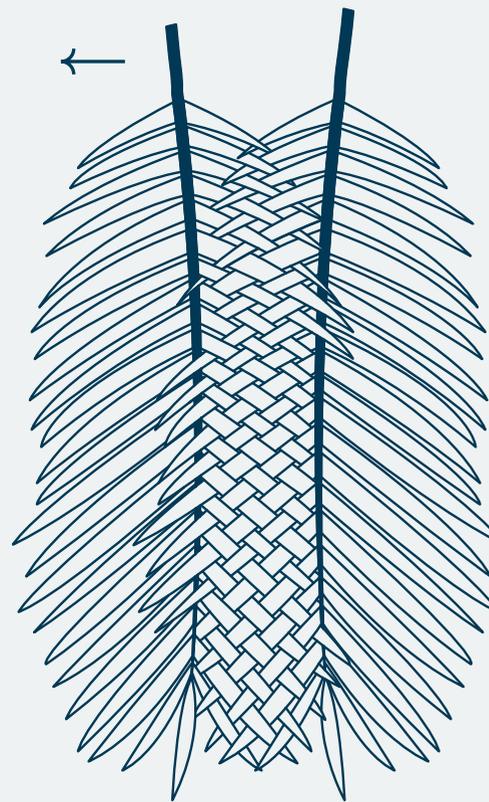
PHILODENDRON Selloum.

● O Jamaxim



O jamaxim sendo utilizado para transportar as pesadas raízes de mandioca brava.

As raízes aéreas são as partes do Cipó Ambé utilizadas para confeccionar o jamaxim.



● Fazendo as bolsas

A técnica artesanal usa a parte mais rígida da folha da palmeira como estrutura para a confecção das bolsas, e a parte mais flexível é simplesmente trançada de diferentes maneiras.



CUIA-DE-MACACO Cuia-of-Monkey





Diferentes tipos de cuias, com formatos diversos, podem ser vistas penduradas nas cuieiras e sapucaias amazônicas.

- Este objeto é uma verdadeira "caixa" de sementes. Trata-se do fruto da árvore chamada Cuia-de-Macaco. Ele fica pendurado na árvore, que é muito encontrada na beira de rios e, ao cair a "tampa" do fruto, as sementes em forma de prego presas dentro da "caixa" espalham-se ao redor, sendo dispersas pela correnteza das águas.

Por sua forma natural ser tão intrigante, o fruto é apropriado pelas pessoas transformando-se em objeto decorativo e até lúdico, pois, além de tudo, o arranjo interno das sementes configura um verdadeiro quebra-cabeça.

- Um estojo natural



O formato de cada semente é único e se encaixa no interior do recipiente em uma posição específica.



TÊXTEIS

Textiles





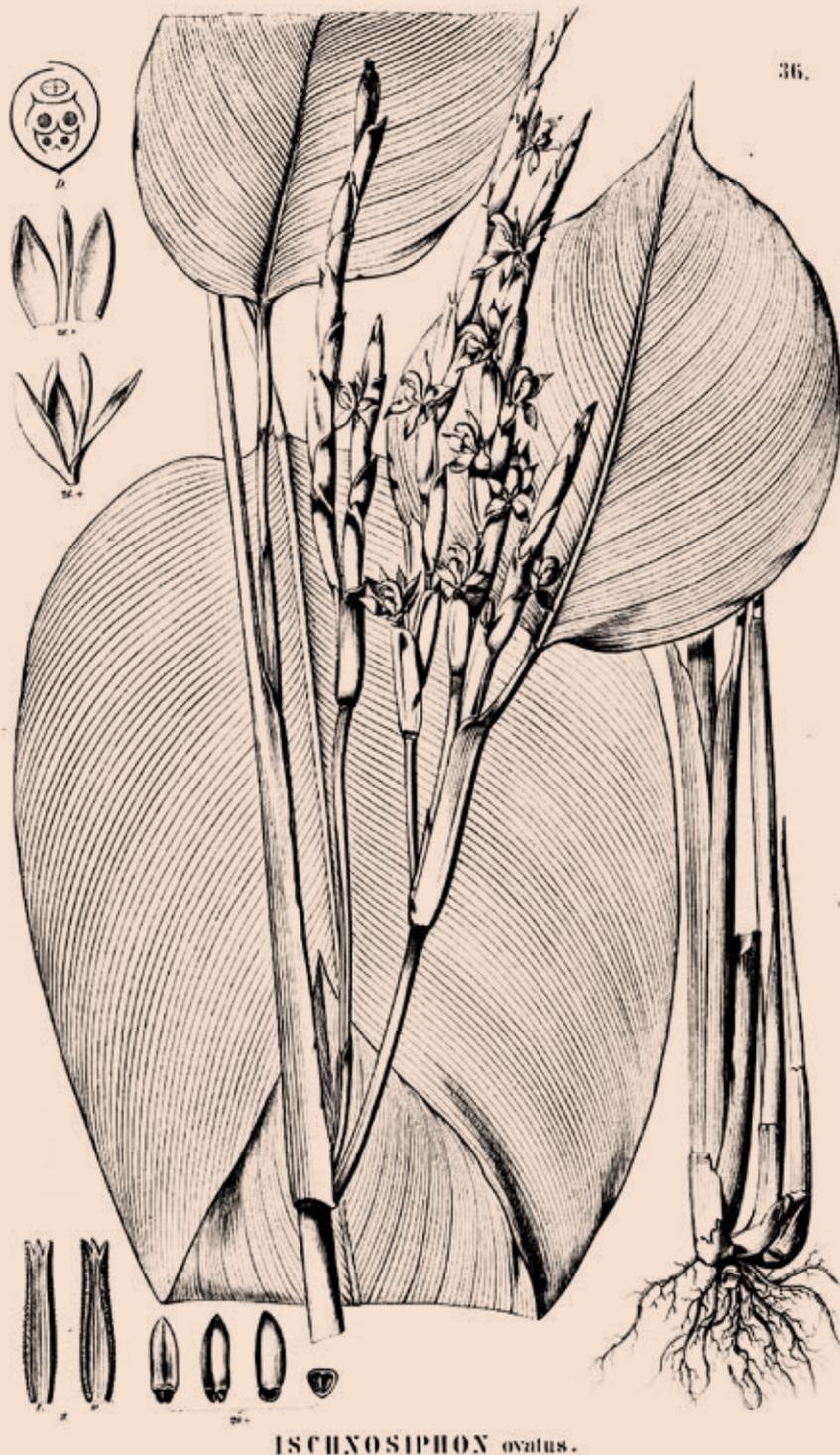
A utilização de esteiras como persianas é muito apropriada para a região amazônica, pois são produzidas com materiais naturais capazes de reter a luz e o calor.

- São objetos feitos a partir de diferentes materiais naturais transformados artesanalmente em tramas ou tecidos.

As esteiras ou tupês são, em geral, fabricadas com a tala de plantas como o Arumã ou o Buriti, que podem ser tingidas e impermeabilizadas, e depois são trançadas manualmente. Podem ser confeccionadas em grandes dimensões, e é comum seu uso como tapetes, painéis e persianas.

Há panos vistos na Amazônia feitos de diversos materiais locais, tais como Patchouli, palha do Buriti e do Tucum, Tururi, e muitos outros. Sua produção, em geral, é feita a partir da confecção de fios com os quais se pode trançar, crocheter, costurar, etc. Dos tecidos são feitas toalhas, cortinas, redes e até roupas.

Por demandarem o trabalho direto com o material natural através de técnicas ancestrais, e com a popularização de tecidos e máquinas industriais, alguns desses processos não são mais tão comuns e seu conhecimento está em risco de extinção.



● Esteiras

De tradição indígena, os desenhos presentes nas esteiras remetem à natureza e ao cotidiano local, ou ainda à mitologia presente na memória dos mais velhos, e levam nomes como malha de onça, casca de abacaxi, pé de maçarico (pássaro) ou teia de aranha. As formas dos desenhos são criadas a partir do trançado, utilizando-se para isso talas de Arumã tingidas entremeadas com talas de cores naturais.



Clique para assistir o vídeo que mostra a produção de esteiras de Arumã com motivos indígenas.



A tala do Arumã é a matéria-prima para a confecção das esteiras.



83.

ASTROCARYUM I. Weddellii, II. pygmaeum.

● Panos



Toalhas de mesa por Dica Frazão, artista que trabalha somente com materiais naturais locais.



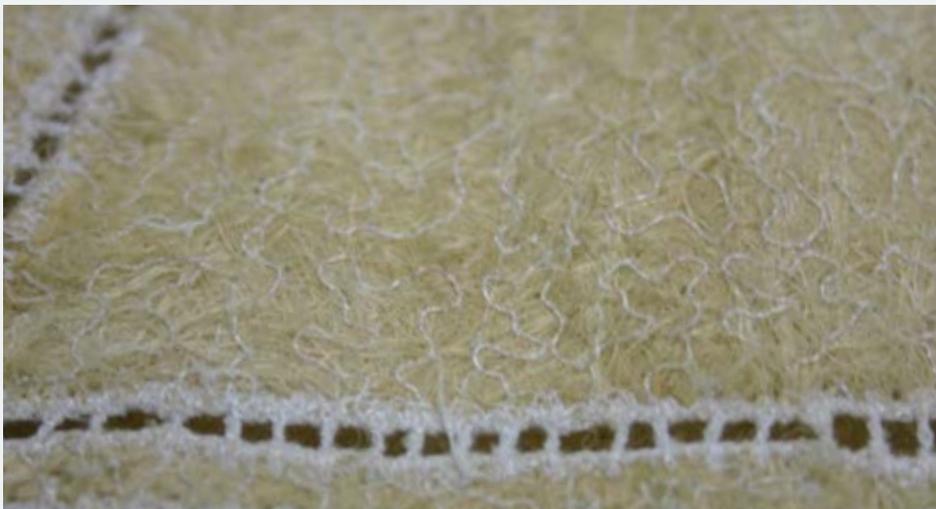
Com a palha do Tucum é possível fazer peças em crochê de diferentes estilos.



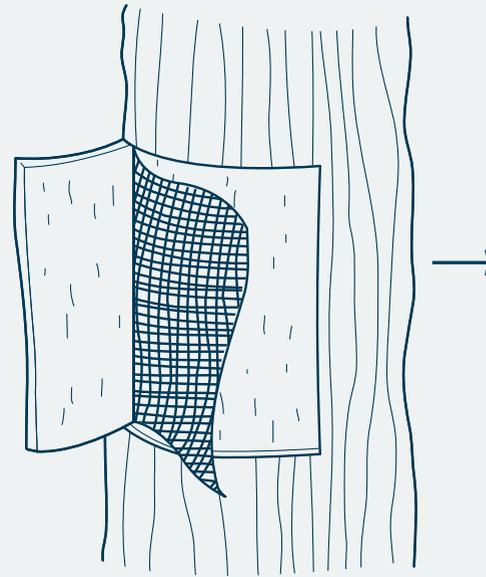
Vestido de Dica Frazão feito com o tururi (líber).



Clique para assistir o vídeo que mostra o Museu Dica Frazão – uma nonagenária estilista amazônica.



● Árvores que produzem tecidos



O Tururi, material encontrado na Amazônia, é um tecido já pronto, sem necessidade de construir fios ou trançar. Ele consiste na entrecasca fibrosa de certas árvores, como a Copaíba, Tauari ou a Caxinguba. É encontrado após raspar-se a casca mais externa das plantas, sendo simplesmente "destacado", umedecido, batido e finalmente seco ao sol.



**ESPATA DE
PALMEIRA
Spathe
of Palm Tree**





As espatas, presentes em algumas palmeiras, são como recipientes que resguardam as flores e os frutos.

- Esse objeto é a apropriação de uma parte da palmeira que têm função de proteger suas flores e frutos. Chama-se espata ou bráctea – é como uma grande folha modificada. Está presente em palmeiras como Inajá ou Babaçu. Ao cair da planta e secar, ela se torna rígida e pode ser utilizada.

Trata-se de uma forma natural extremamente versátil, capaz de gerar movimento, que pode possuir diferentes usos quando apropriada: fruteira ou recipiente, objeto decorativo, e, proveniente de costumes indígenas, o uso como balanço e até berço para crianças.

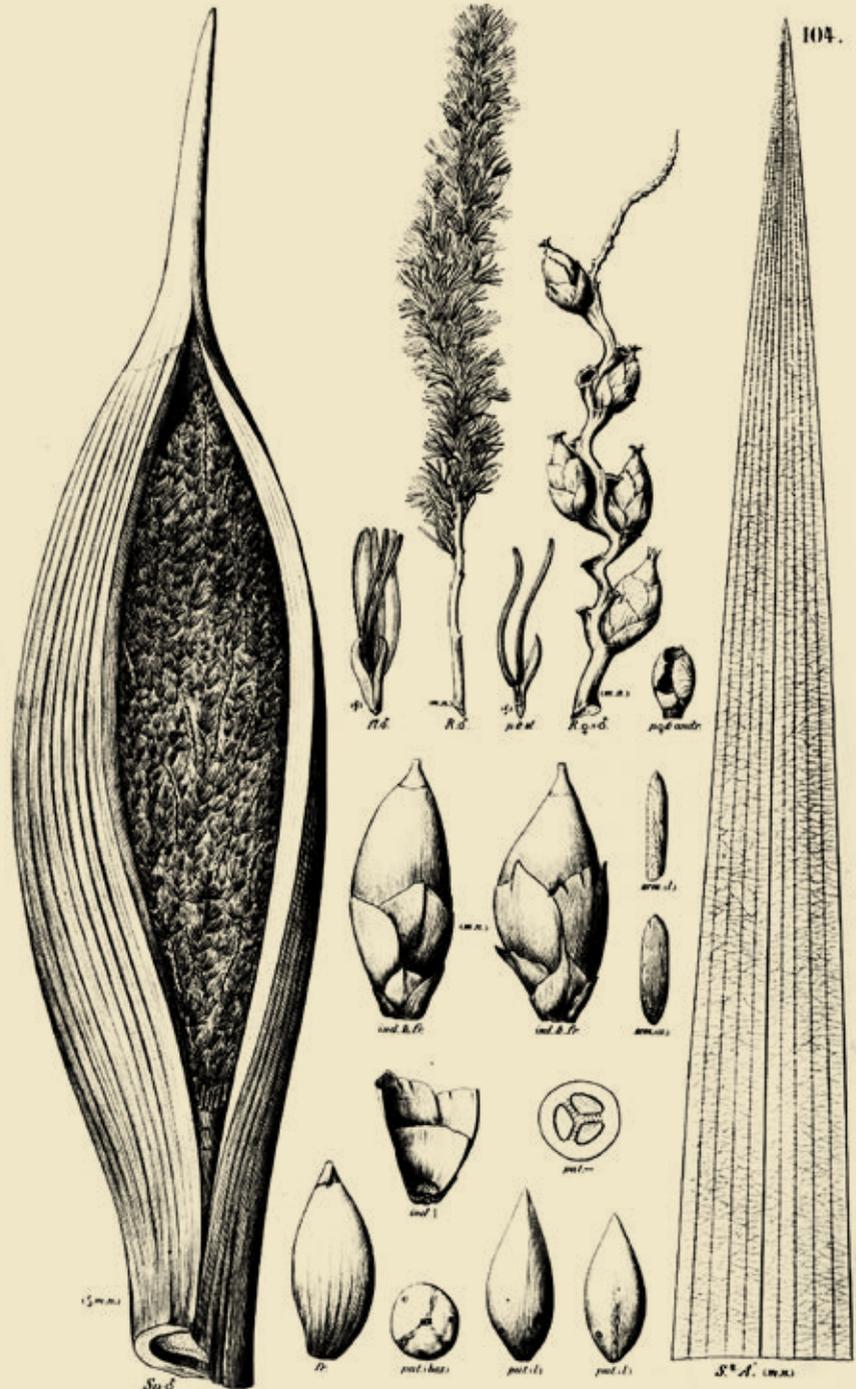


ASTRO CARYUM I. caudescens, II. gynacanthum.



O formato desta espata pode gerar movimento, possibilitando ser usada pelos índios como berço para suas crianças.



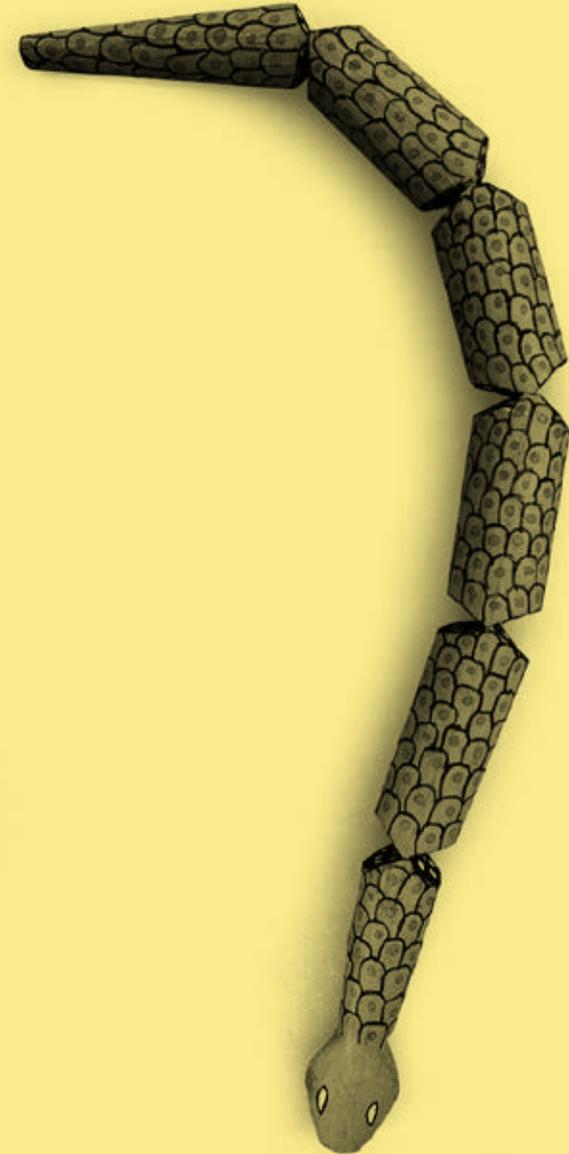


MAXIMILIANA Martpa.



Inajá é uma palmeira com uma espata longa e fechada, suficientemente resistente para servir de vaso sem se decompor.

BRINQUEDOS DE MIRITI Miriti Toys

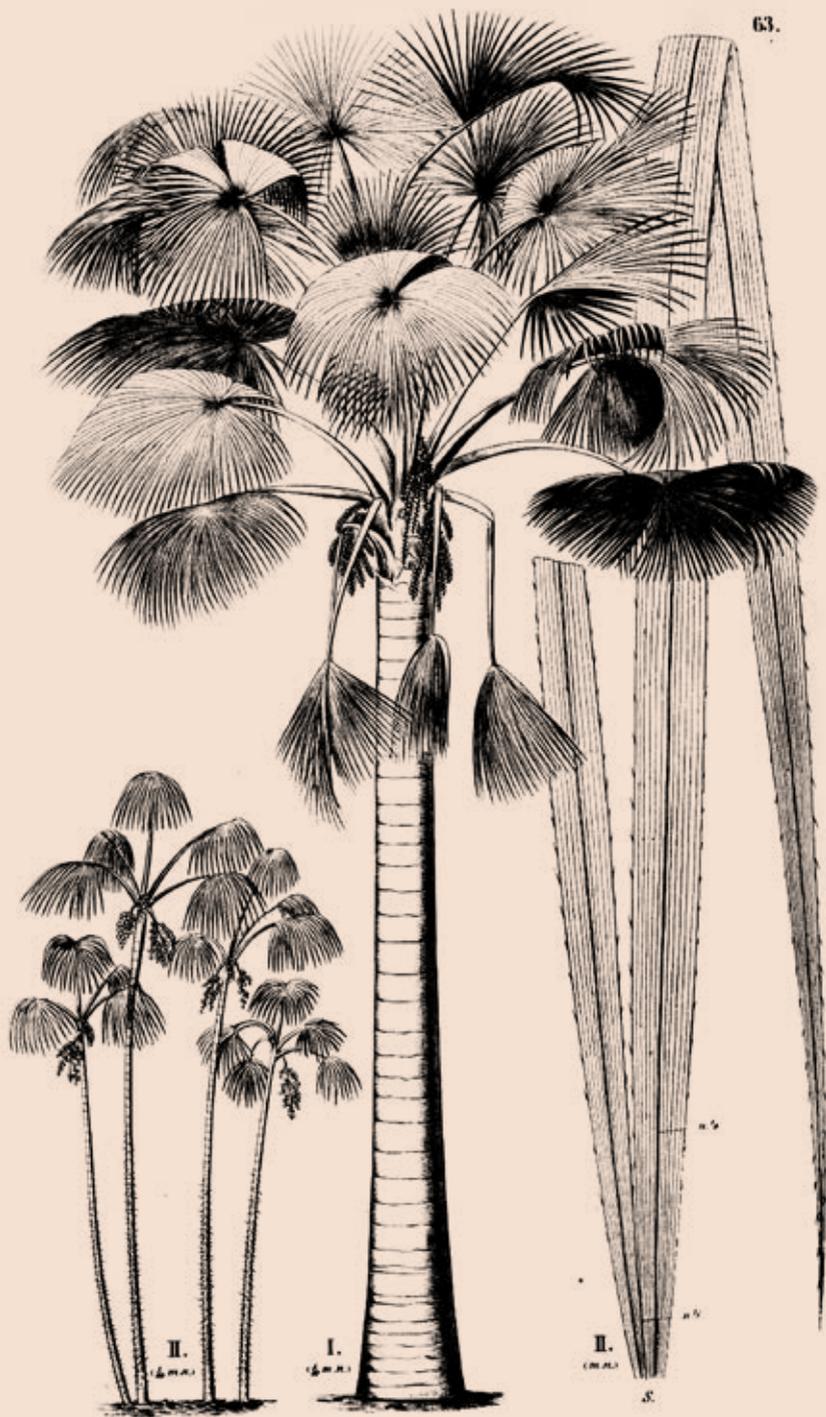




- Miriti (ou Buriti) é uma palmeira abundante na região Norte, da qual muito se aproveita: o fruto é utilizado na culinária local e a folhagem pode servir para a cobertura das casas. Os brinquedos saem de sua polpa, que, por ser extremamente leve, é chamada de isopor da Amazônia. Para chegar até ela, a tala externa do Miriti – uma espécie de fibra dura – é retirada, e a polpa é secada ao sol.

Os brinquedos são feitos a partir do entalhamento da polpa, que é roliça e bastante maleável, fácil de esculpir com facas. Depois, passa-se uma resina e os objetos são pintados. As formas dos objetos expressam o olhar do artesão sobre a natureza e personagens ou cenas típicas do cotidiano amazônico: cobras, aves, casais de namorados, barcos, etc.

Esses brinquedos são símbolo da Festa do Círio de Nazaré, a maior festa religiosa de Belém. Na tradicional procissão, muitos fiéis confeccionam e carregam objetos de Miriti – que são bem leves – para cumprir promessas.



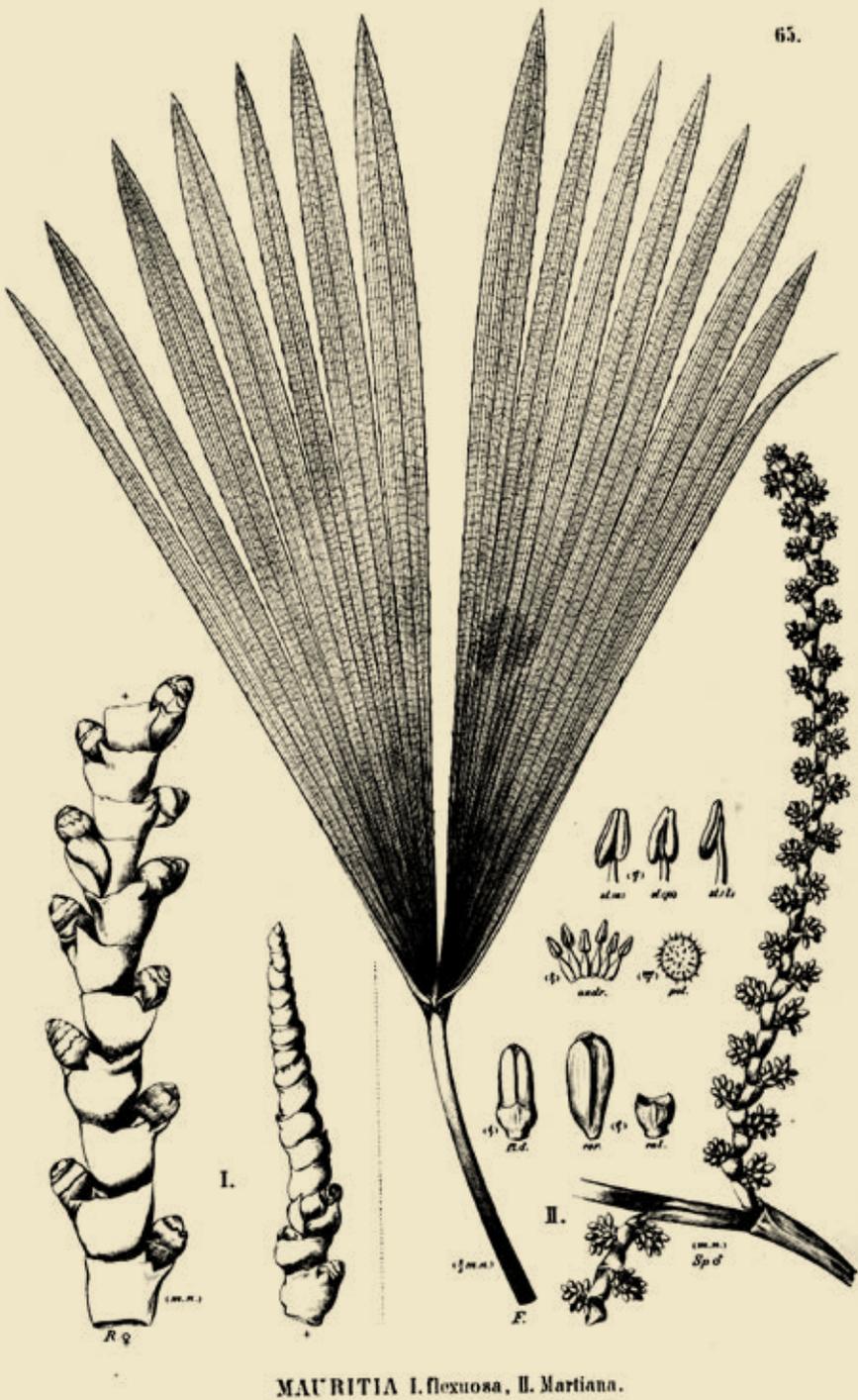
MAURITIA I. flexuosa, II. aculeata.

- A cidade de Abaetetuba é o principal polo de produção dos brinquedos, que são reconhecidos como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará.



Os brinquedos de Miriti à venda no mercado de Abaetetuba.

O Miriti é uma das plantas com o maior valor econômico da região amazônica; suas diferentes partes podem ser aproveitadas para vários fins, como alimentação, construção e artesanato.



MAURITIA I. flexuosa, II. Martiana.

● Fazendo brinquedos de Miriti



A matéria-prima para a produção dos brinquedos é o miolo da parte da planta que sustenta as folhas.

10cm



Clique para assistir o vídeo que mostra um artesão explicando todo o processo e fazendo um pássaro.

EMBALAGENS Packaging





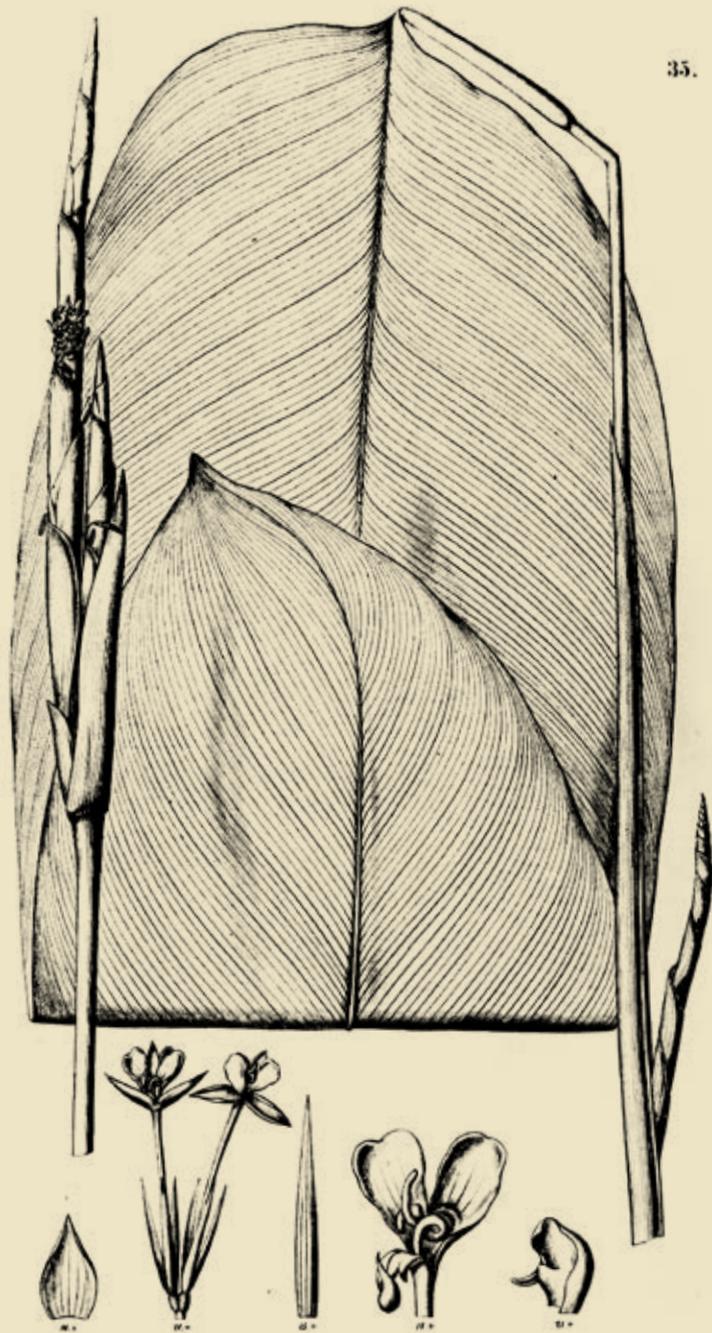
Envoltório e estrutura sendo criados na floresta com materiais naturais locais, a fim de possibilitar cozinhar o alimento sem ter uma panela.



- As embalagens selecionadas são embrulhos feitos com folhas, cipós e outros materiais disponíveis na natureza, sem nenhum processo. Alguns dos materiais mais comuns são a folha do Arumã, folhas secas e a folha de Bananeira, que são simplesmente dobradas, podendo ser também amarradas ou espetadas para conferir sustentação.

Essas embalagens naturais aproveitam as propriedades de um material para isolar e armazenar outro elemento. Esse isolamento pode ser somente visual, como também do odor ou do toque, servindo para diversos fins, como facilitar o transporte, ou permitir que um pó, por exemplo, não se disperse. Também utilizadas na culinária, são capazes de conservar, permitir a defumação, conferir sabor especial aos pratos ou mesmo facilitar o consumo, servindo de suporte.

O hábito de utilizar materiais naturais como embalagem está se perdendo na região amazônica. Por exemplo, a carne fresca, que antigamente era embrulhada em folhas de Arumã nas feiras, hoje é empacotada em jornais ou mesmo em sacolas plásticas.



ISCHNOSIPHON obliquus.



Sabonetes naturais são vendidos envoltos em folhas de Arumã numa loja de ervas, em Belém.



20cm



Peixe cozido embrulhado em folhas para ganhar um sabor especial. Folhas de bananeira são as mais comumente utilizadas para este fim.



MUSA L. coccinea, II. sapientum; III. RAVEXALA guyanensis.

EXTRAS



Além dos objetos apresentados, a expedição "Objetos da Floresta" na Amazônia teve contato com outros muitos processos e materiais de interesse de designers. Esses "achados" estão compilados na internet, e podem ser vistos acessando o seguinte link:

www.objetosdafloresta.com/extras

● "Objetos da Floresta", um projeto de Andrea Bandoni

A natureza, fonte de inspiração ou preocupações, é atualmente um dos principais temas de discussão em quase todos os campos do conhecimento. Sendo brasileira e designer, acredito que a natureza é um dos maiores tesouros de meu país, e este projeto é uma primeira tentativa na direção de se descobrir potenciais para o design em áreas dominadas por ela, de modo que a partir dessa experiência possa ser derivada uma nova metodologia visando à produção de objetos sustentáveis.

Este projeto nasceu quando tive meu primeiro contato com um tipiti. A aparência, textura e função desse objeto me fizeram perceber que na Amazônia – área onde a natureza é dominante, e onde as relações entre homem e meio-ambiente são claramente visíveis e materializadas em objetos – muita informação pode ser encontrada e revelada para o mundo.

"Objetos da Floresta", então, aproxima-se da Amazônia com um olhar sob o qual ela nunca havia sido explorada – específico do design – que procura entender como se pode ter uma relação mais harmoniosa com a natureza utilizando habilidades e técnicas estabelecidas a partir de sua predominância.

Em abril de 2012, coordenei uma viagem pela região amazônica, quando foram percorridos mais de 2.000km, passando por 9 locais estratégicos, nos quais, por meio da experiência de campo e da visita a mais de 30 entidades – tais como comunidades, escolas de design e diversas organizações – busquei entender o que é sustentabilidade e sua relação não apenas com a natureza, mas também sua relevância para a sociedade atual. Esse questionamento



me ajudou a definir o presente conjunto de objetos, que demonstram uma variedade de olhares sobre a natureza.

Para discutir o tema localmente com os interessados, foram realizados workshops em Manaus e Belém, nos quais ficou evidente que a reflexão a respeito facilita a criação de novos objetos tão sustentáveis quanto os aqui apresentados. O desenvolvimento do projeto, em todos os detalhes e com imagens, pode ser acompanhado num diário online: objetosdafloresta.com/diario.

Espera-se, com a publicação deste e-book, facilitar o acesso a experimentos na área do design (ainda escassos no país) e difundir amplamente as informações coletadas, capazes de levantar diversas questões sobre assuntos como cultura local, memória, preservação da natureza, função social do designer, produção sustentável, uso de matérias-primas naturais, dentre outros.

Portanto, além de explorar e valorizar o potencial que existe na Floresta Amazônica, "Objetos da Floresta" desafia e incita designers contemporâneos a imaginarem um novo sistema, pós-industrial, que considere como os produtos podem não apenas deixar de prejudicar pessoas e ambiente, mas também como podem ter impacto positivo no futuro, colaborando para desarmar a crise ambiental.

Devido ao interesse que tem sido demonstrado pela proposta, estão sendo estudados desdobramentos e a continuidade do projeto.

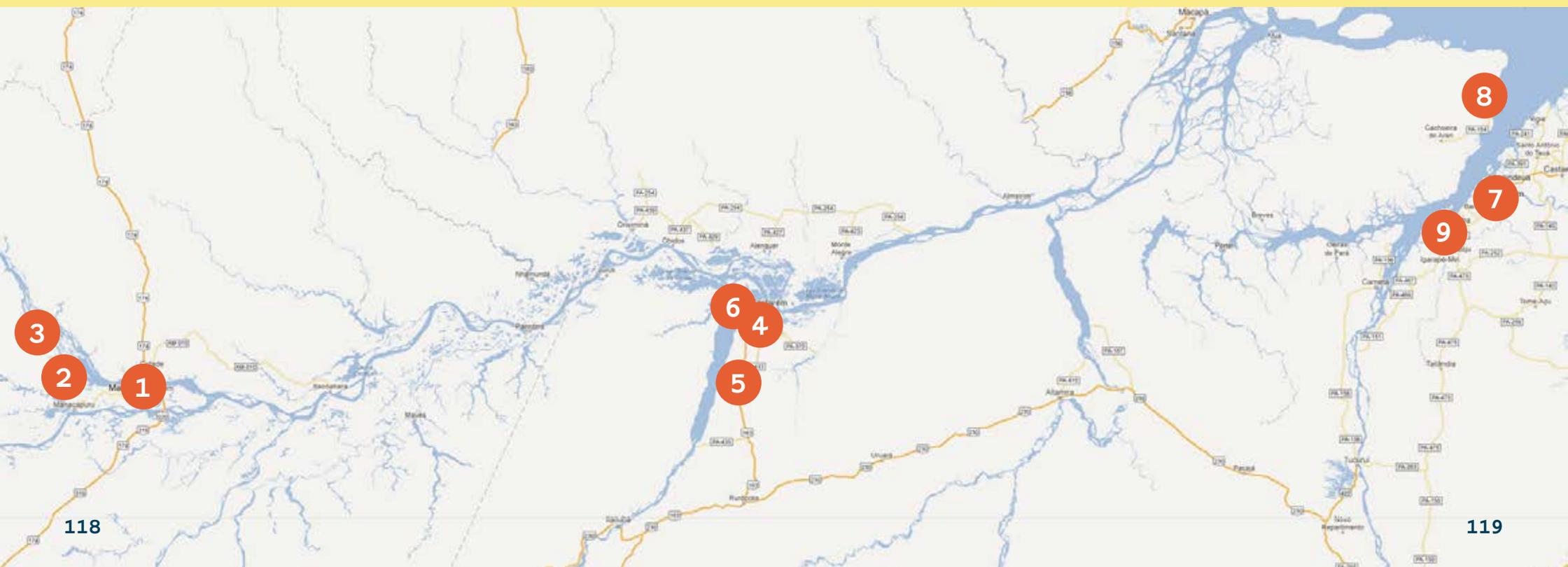


Saída de São Paulo em 7/4/2012, com duração de um mês

● A Viagem

Total de 2 386 km percorridos na Amazônia, sendo: 440 km de ônibus, 807 km de avião, 1139 km de barco

- 1 Manaus 7 a 13/4
- 2 Parque Anavilhanas 14 e 15/4
- 3 Novo Airão 16/04
- 4 Santarém 19 e 20/4
- 5 FLONA Tapajós 20 e 21/4
- 6 Alter do Chão 22 e 23/4
- 7 Belém 24 a 27/4 e 2 a 5/5
- 8 Marajó 28/4 a 1/5
- 9 Abaetetuba 4/5





● Workshops "Objetos da Floresta"

O objetivo dos Workshops foi discutir sustentabilidade no âmbito local e capacitar artistas e designers amazônicos a verem possibilidades criativas na natureza, entendendo os objetos por um viés conceitual, e aproximarem-se da Floresta Amazônica com uma nova perspectiva.

Além de ampliar um debate fundamental nos dias de hoje, as oficinas colaborativas valorizaram não só a cultura e a natureza locais, mas também o profissional local. É muito especial o fato de pessoas criativas e pró-ativas viverem na Amazônia, e elas devem ter consciência de sua importância por estar neste contexto, sendo encorajadas a inovar e assumir um papel transformador.

Os workshops gratuitos foram realizados nas duas principais cidades amazônicas, com duração de três dias cada um e contando com o apoio de instituições locais: o MUSA / Museu da Amazônia, em Manaus e o SESC Boulevard, em Belém. Participaram desde professores de design das mais importantes universidades locais até artesãos, representantes de ONG's, artistas, estudantes, cientistas e diversas outras pessoas interessadas em sustentabilidade.

Após discussões bastante informais no primeiro dia, os participantes optaram por fazer visitas a reservas florestais próximas das cidades. Nessas visitas, realizadas no segundo dia, cada um pode observar a natureza com o olhar de designer, fotografar ideias e coletar materiais, para finalmente, no último dia de workshop, produzir protótipos de objetos que respondessem aos seus próprios critérios de sustentabilidade.



Os workshops foram muito bem sucedidos, houve intenso comprometimento, grande entusiasmo e envolvimento dos participantes, que permanecem em contato e estão disponíveis para discutir o assunto:

Manaus

Andrea Valentin: acris.valentin@gmail.com
Andressa Cruz
Brunna R. Anchieta: brunnarocha@gmail.com
Carlos C. Durigan: fva@fva.org.br
Eduardo Nogueira
Ennio Candotti
Jimmy Christian
Thais Bentes: thaisb@hotmail.com
Vanessa Gama:
vanessinha.atalanta@hotmail.com
Vanusa Mesquita Gadelha
Zeca Nazaré

Belém

Ana Paula D. Costa
Bárbara Müller: barbaramuller1@hotmail.com
Bento G. S. Pimentel:
bgugapimentel.designer@yahoo.com.br
Clara Pereira Amorim
Gilda Trindade
Glauber Júlio: glauberj@hotmail.com
Iêdo Santos: iedosantos@gmail.com
Jonise Hilda M. Nunes
Josi Mendes: josifmendes@gmail.com
Lídia Maria P. Abraham
Lucas D. de Carvalho
Maécio Monteiro
Márcia M. de Almeida
Misael Lima
Nilza Maria S. de Alcantâra
Ninon R. Jardim: kurawadesign@hotmail.com
Nubia Santos: nubiatrib@yahoo.com.br
Pedro Brito: pedro.bugi87@hotmail.com
Samantha V. A. de Sousa

● Apoio

MUSA Museu da Amazônia (Manaus, AM)
SESC Boulevard (Belém, PA)

● Parceiros

Anavilhanas Jungle Lodge (Novo Airão, AM)
Chez Lês Rois (Manaus, AM)
Eco Pousada Miriti (Belém, PA)

● Realização

PROGRAMA
REDE NACIONAL
FUNARTE
ARTES VISUAIS
8ª EDIÇÃO

Ministério da
Cultura

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Reprodução autorizada desde que
citada a fonte.

Distribuição gratuita, proibida a venda.

● Créditos das Imagens

P. 4, 30, 50, 52, 54, 58, 60, 62, 74, 76, 98, 100, 106 & 108 – Flora brasiliensis on-line:
florabrasiliensis.cria.org.br

P. 18 & 22 (cima) – Jimmy Christian

P. 19 – Gene Helfman:
www.flickr.com/photos/duncanelkins/132214929

P. 20 – Project Gutenberg:
www.gutenberg.org

P. 23 – Revista Panorama Rural:
www.panoramarural.com.br

P. 26 – Wikilivros:
[pt.wikibooks.org/wiki/Ficheiro:Cassava_\(PSF\).jpg](http://pt.wikibooks.org/wiki/Ficheiro:Cassava_(PSF).jpg)

P. 36, 37 & 43 – Wikimedia Commons:
commons.wikimedia.org

P. 40 – Agricultura Alternativa:
www.agriculturaalternativa.com

P. 53 (cima) – Cláudia Kahwage e Glauber Júlio

P.75 (abaixo) – Fibras de Índio / FVA:
www.fva.org.br

P. 96 – Brunna Anchieta

P. 112 & 120 – Vanessa Gama

P. 116 & 117 – Google Maps:
maps.google.com.br

● Ficha Técnica

Conceito & textos: Andrea Bandoni

www.andreabandoni.com

Edição: Andrea Bandoni
& Florian Jakober

Prefácio: Vanessa Grossman

soa.princeton.edu

Design gráfico: Florian Jakober

www.afrika.to

Fotos:

Ana Paula Campos, Andrea Bandoni,
Ana Elisa Bueno & Felipe Bandoni de
Oliveira, com colaborações de Jimmy
Christian, Vanessa Gama, Glauber Júlio
& Brunna Anchieta.

Consultoria científica:

Felipe Bandoni de Oliveira

Revisão: Joana Meroz e Carl Harris

Estágio: Victor Magalhães

● Agradecimentos:

Um obrigado sincero a Carlos Durigan,
Fernanda Martins, Ennio Candotti,
Paula Dib, Ana Elisa Bueno e Felipe
Bandoni de Oliveira.

● "Hoje o Brasil talvez não seja somente o território no qual os últimos recursos naturais tenham persistido no globo, a despeito da destruição sistemática e impune, mas também a nação que tenha algo a ensinar sobre a apropriação e o uso criativo dos mesmos. É o que sugere, de forma provocativa, diante deste novo panorama de crise ambiental, e em plena era digital, *Objetos da Floresta*, livro da arquiteta e designer Andrea Bandoni, resultado de um projeto contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais."

(Vanessa Grossman)

www.objetosdafloresta.com

ISBN 978-85-914113-0-6



9 788591 411306